

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

FLÁVIA DE SOUZA

RELAÇÕES FAMÍLIA-ESCOLA E APRENDIZAGEM

Porto Alegre
2010

FLÁVIA DE SOUZA

RELAÇÕES FAMÍLIA-ESCOLA E APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:
Profª Drª Gláucia R. R. de Souza

Tutora:
Letícia Schmarczek Figueiredo

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a cinco pessoas muito especiais. A minha mãe e minha irmã, minhas maiores amigas, companheiras de todas as horas. A meu pai, meu porto seguro, com quem tive a felicidade de conviver por 29 anos. Ele e minha mãe são os responsáveis pelo que hoje sou e conquistei. A minha tia Eulália (Diva) para a família e meu tio Pedro, pessoas de quem herdei a profissão e mais do que isso, a dedicação, o empenho e o entendimento do que significa ser professor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em 1º lugar à Deus por colocar em minhas mãos esta oportunidade, pelo amparo, proteção, força e energia que me deu nos momentos de nervosismo e aflição a cada final de semestre.

A meu pai que embora não fisicamente esteve sempre comigo me orientando. A minha mãe e minha irmã que sempre me incentivaram a apostaram na minha capacidade e muitas vezes aguentarem meu stress.

A todos os meus familiares, amigos e minhas grandes e queridas amigas de tanto tempo Ana Patrícia, Jaqueline, Sílvia e Solange pelo apoio, pela força e pelo carinho e aguentar minha companhia quando só sabia falar de faculdade. A Ana faço ainda um agradecimento especial, pois graças a sua informação soube da existência deste curso. Agradeço também por duas novas amigas que conquistei. Ana Toledo pela sua disposição em me ajudar nesta reta final e a Vera, inicialmente minha colega de faculdade, mas que pela convivência fomos descobrindo afinidades e nos ajudando nestes quatro anos. Amizade que se consolidou.

Ao meus colegas de trabalho e aos pais dos meus alunos que gentilmente me auxiliaram quando necessitei. E a eles próprios, motivação para realização deste trabalho. Ninguém realiza nada sozinho.

Agradeço também a todos os meus professores, tutores e colegas de cu' que me acompanharam nesta caminhada me orientando com dedicação competência. Obrigada a todos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a questão da família e sua influência no desempenho escolar do aluno, bem como compreender como se procede tal influência. Para tanto, realizou-se uma contextualização histórica, a qual relata as mudanças ocorridas na constituição familiar nas últimas décadas em função das demandas que a sociedade foi impondo. Em decorrência destas demandas, a família foi se distanciando de uma de suas funções primordiais: a educação de crianças e jovens. A escola por sua vez, assumiu responsabilidades além de sua competência. Como consequência, ela perdeu o foco de sua função principal: a educação formal. Para tal reflexão, os autores, tais como Paulo Freire e Alcía Fernandez, dentre outros. Além da leitura de artigos, reportagens e livros, também foram realizados questionários junto aos pais de alunos e professores de uma determinada instituição de Ensino Fundamental. Ao final da pesquisa, concluiu-se, dentre outras considerações, que a escola ainda se encontra longe da educação ideal, visto que se criou um conflito entre as duas instituições família/escola, na medida em que as duas cobram responsabilidades uma da outra e ambas perderam o foco de suas respectivas funções. Por sua vez a política educacional vigente também é ineficaz, à medida em que suas leis reforçam as diferenças, quando não consideram as mudanças de organização familiar ao longo dos tempos.

Palavras-Chave: Família. Escola. Sociedade. Política Educacional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 ALGUNS MITOS SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA.....	10
2.1 Famílias Desestruturadas são um Problema para a Escola.....	12
2.2 A Família é Responsável pelo Aprendizado Escolar dos Filhos.....	13
2.3 OS Pais Nunca Estão Presentes em Atividades da Escola.....	16
2.4 O Tema Principal da Reunião Deve ser o Comportamento.....	17
2.5 A Escola do meu Filho Oferece um Ensino de Boa Qualidade.....	17
3 A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA NO DECORRER DOS TEMPOS.....	19
4 SOBRE O QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS FAMÍLIAS E PELOS PROFESSORES.....	21
4.1 Sobre as Mudanças no Número de Filhos das Famílias Entrevistadas.....	24
4.2 A Família e a Autonomia dos Filhos com Relação a Execução das Atividades.....	25
4.3 A Família e o Acompanhamento das Atividades Discentes.....	26
4.4 Os Pais e as Dificuldades em Auxiliar seus Filhos nas Tarefas Escolares.....	27
4.5 Família e Valorização dos Estudos.....	28
4.6 A Família e seu Dever na Educação dos Filhos.....	29
4.7 O que a Família Pensa da Escola.....	30
4.8 A Visão dos Professores Frente a Esta Problemática.....	33
4.9 A Visão dos Professores Enquanto Pais.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXO A – RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA COM OS PAIS.....	52
ANEXO B – QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES.....	56

1 INTRODUÇÃO

Apresento o tema relação família/escola pela complexidade que a mesma possui, bem como o desafio que a modernidade impõe a estas duas instituições: o de construir uma parceria que venha ao encontro das necessidades dos educandos de hoje. Muito mais que o sucesso no desenvolvimento intelectual, a formação moral e ética do aluno são preponderantes para a construção de sua identidade, sua autonomia e sua cidadania.

Ao longo do estágio, encontrei várias possibilidades de temas a serem desenvolvidos, incluindo este. Optei por este tema, visto que trabalho em uma realidade bastante difícil, em que a participação das famílias não ocorre de forma satisfatória. Paralelamente, o rendimento de boa parte dos alunos também está aquém de nossas expectativas. Além disso, fatos específicos em minha sala de aula foram decisivos para me decidir pelo assunto.

Conforme as bibliografias até agora pesquisadas, os estudos mostram que a influência familiar está diretamente ligada ao sucesso ou insucesso do educando. As evidências observadas em sala de aula confirmam tal constatação. Entre as várias evidências observadas, uma em particular chamou a atenção pela gravidade, tornando-se, assim, o elemento que faltava para impulsionar a busca pelo suporte teórico necessário que traga legitimidade ao que vivencio na prática. Através desta pesquisa, que traz um assunto extremamente relevante, procura-se contribuir para repensar esta relação família-escola, promovendo assim um novo olhar sobre a aprendizagem de nossos educandos, estabelecendo novos paradigmas, novas reflexões.

A matéria-prima, por assim dizer, através da qual norteiei minha pesquisa, refere-se a minha turma de 4º ano, composta por 24 alunos de uma escola de periferia. Coletei os dados para direcionar minha pesquisa através de questionários enviados aos pais de meus alunos e ao meus colegas de trabalho. Pelas repostas obtidas no questionário destinado aos pais, por exemplo, pode-se perceber o que os estudos apontam a mudança no comportamento dos pais frente à aprendizagem de seus filhos. Tais constatações serão evidenciadas no decorrer desse trabalho através dos questionários.

Por meio da fundamentação teórica a seguir, procurou-se analisar o questionamento que gerou a pesquisa “A família interfere na aprendizagem”? Não se pretende com este trabalho fechar a questão e muito menos trazer soluções prontas para a mesma. Outrossim, pretende-se valorizar e fortalecer esta parceria família/escola, a fim de alcançar o objetivo maior que é a formação plena de nossas crianças e adolescentes.

Segundo Elen Campos Caiado, graduada em Psicologia e Fonaudiologia, em seu texto publicado na internet, “A participação da família e da escola na educação da criança”, a família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Ressalta-se que, mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha a criar cidadãos críticos, capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade. Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes. Como sugestões seguem abaixo alguns deles:

► **Família**

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização;
- Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como seu desempenho.

► Escola

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;
- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família-escola;
- É de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados, propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade para seus alunos.

A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam ser grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

2 ALGUNS MITOS SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

A presente pesquisa baseia-se nos estudos realizados por importantes especialistas, tanto na área de Educação, quanto na da Assistência Social, visto que as mesmas se articulam em função do seu objetivo de estudos: as famílias e suas implicações na vida de seus membros, especialmente crianças e adolescentes.

Não há uma resposta definitiva para a questão levantada a respeito da família e de sua influência no processo de aprendizagem, porém especialistas como Maria Eulina Pessoa de Carvalho da UFPB, Andréia Cristina Alves Pequeno UERJ, Luciana Maria Caetano USP, Maria Cristina Leal, Vítor Henrique Paro USP, Alicia Fernandes, Paulo Freire, Myrian Lins de Barros UFRJ, François de Singly, Pedro Calderan Beltrão, Cristina Coronha Lima Vieira, Keila Hellen Barabato Marcondes, Ana Costa Polônia, Paulo Adolfo Pereira, José M Esteves, Risolene Pereira Reis, Imídeo Nérici, S. M. Kaloustian e S. D. Gokhale. (Saliento que os textos em que baseei a pesquisa são artigos publicados na Internet, livros e reportagem da Revista Nova Escola. Os textos da 1ª, 2ª e 4ª autora mencionadas são da internet acessados em 04/09/10. Já a 3ª autora refere-se a entrevista concedida a referida revista e os demais em seus livros) em suas pesquisas abordam aspectos importantes desde as mudanças das famílias no decorrer das décadas, até a relação estabelecida com a escola desde então. Procuram também trazer elementos importantes para compreender esta relação e fornecer subsídios que auxiliem a resgatar tal parceria, tendo como consequência um aprendizado de boa qualidade, não apenas no que se refere ao cognitivo, mas também valores éticos, morais, desenvolvendo a autonomia, a cidadania e o reconhecimento de sua identidade.

Lendo a bibliografia pesquisada e refletindo sobre a mesma, fui estabelecendo uma comparação entre minha realidade de trabalho, as realidades abordadas nas referidas bibliografias, bem como as afirmações recorrentes das mesmas. Nesse contexto lemos que:

[...] quando os professores relatam que o fato da “família não ir bem” influencia o desenvolvimento escolar dos alunos, estão certamente imbuídos de razão. Porém, apenas diagnosticar as dificuldades dos pais providenciará um maior afastamento da família, pois os professores é que são especialistas em educação. A construção da parceria enquanto uma relação de cooperação entre as instituições família e escola implica colocar-

se no lugar do outro, e não apenas a troca de ideias ou favores, como aquela colaboração tão conhecida do pai que envia à escola uma contribuição mensal e a prenda para a festa junina. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e de experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo, acima de tudo, a aproximação entre as duas instituições. Reforça-se, então, a necessidade de os educadores dispensarem alguns momentos da sua formação para refletirem sobre essa relação e a reconstruir. (CAETANO, [s.d., p. 01]).

A revista Nova Escola, em reportagem de setembro de 2009, traz esta temática e procura desmistificar mitos existentes nesta relação, nos últimos tempos nada harmônica, apontando maneiras para uma parceria, uma ação em conjunto entre estas duas instituições, qualificando positivamente a formação da criança e do adolescente. As duas instituições (família e escola) esperam uma da outra, ações que venham dar subsídios à formação da criança e do adolescente. Ambas, no entanto, divergem quanto às expectativas que possuem, já que cada uma tem seu ponto de vista e suas limitações. Como consequência, à mercê dessa discussão, está o aluno, que, por sua vez, não compreendendo o seu fracasso escolar, transfere o ônus unicamente ao professor.

Segundo Fernandez (1991), é importante precisar o que significa a escola para a família. Pode ser “o segundo lar”, “um lugar onde as crianças estão quando nós vamos trabalhar, “se não vai a escola perde a merenda escolar”, “se não aprende vai ser um João-ninguém como eu”, “quero que vá a escola para um dia ser médico”. Também interessante analisar as queixas que os pais fazem sobre os professores ou o ensino. “A professora somente faz brincar, não lhes exige nada”, “a professora é muito exigente, trata-os como se fossem adultos”. (FERNANDEZ, 1991, p. 186-187).

Vários fatores influenciam no aproveitamento escolar do aluno. Se a escola e a família buscam ações de forma coordenada, há solução para os problemas, afirma a psicóloga Ana Costa Polônia, docente da Universidade de Brasília, em entrevista a Amanda Palato, para a Revista Nova Escola:

É fundamental para o professor entender o público atual para o qual presta serviço. Idéias prontas devem ser construídas novamente, já que a família contemporânea está estruturada sob um perfil muito diferente de outrora. Com base nisso, o professor deve buscar respostas para tais questões. Como está organizada a família contemporânea? Qual o papel dela na Educação? (POLÔNIA, 2009, p.102).

Por outro lado, cabe à família compreender a missão e as propostas da escola e conhecer formas de contribuir com a mesma. Vejamos, então, quais são os mitos que envolvem esta conturbada relação, como surgiram e de que maneira podem ser superados.

2.1 Famílias Desestruturadas são um Problema para a Escola

Quando o casal se separa e cada ex-cônjuge constrói um novo lar com outro parceiro, que muitas vezes também já tem uma família constituída anteriormente, configura-se uma nova estrutura familiar. Vários arranjos familiares podem se constituir, independente da classe social. Este exemplo mostra que a dinâmica familiar mudou muito, abrindo espaço para a expressão pessoal e para a autonomia de cada membro. Esta é uma constatação feita por Clarice Ehlers Peixoto, antropóloga do Grupo de Estudos sobre Família Contemporânea da UERJ. “O amor é o regulador das uniões; que podem ter diversas denominações: união livre, união homossexual, família mono parental (mãe e filhos, pai e filhos e, recentemente avós e netos)” (p. 102), conforme reportagem da Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009.

É importante salientar que estas relações não são novidade no Brasil, ao contrário do que alguns pensam. Desde a colonização, há filhos fora do casamento, uniões esporádicas e concubinato. O que difere para o atual é a legitimação social e jurídica que estas relações receberam. Segundo Myrian Moraes Lins de Barros (2006) não faz sentido falar em desestruturação familiar e muito menos associar essa idéia às classes mais populares, pois a família brasileira vem – se mostrando cada vez mais plural. Este termo desestruturação parte da lógica do modelo pai-mãe-filhos. Mas outras possibilidades não levam necessariamente à desorganização, diz a antropóloga, em entrevista à Revista Nova Escola de setembro de 2009. Ela aborda tal questão em seu livro Família e Gerações.

Em seu livro, mencionado anteriormente, Lins de Barros explica que a família deve ser entendida em sua complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos. Deve assim, ser aprendida não só em suas funções econômicas, ideológicas, reprodutivas e sociais, como também em todas as suas

contradições internas. Além disso, a família está inserida no meio social que o circunda e em um tempo histórico determinado, não podendo ser entendida fora dele. Por estar carregada de ideologias da sociedade na qual se encontra, constitui importante ponto de referência para a construção de identidades sociais. (BARROS, 2006, p. 97).

Além disso para Lins de Barros a família, não deve ser entendida apenas como um conjunto de pessoas unidas por laços de consanguidade ou dependência, mas como uma unidade composta por indivíduos de sexos distintos que cotidianamente vivem um “jogo de poder” que se cristaliza na distribuição dos direitos e deveres de cada um de seus membros. Ela tem uma dinâmica própria que não pode ser entendida como simples soma dos indivíduos que a compõem. (BARROS, 2006, p. 96).

O sociólogo francês François de Singly afirma em seu livro Sociologia da Família Contemporânea, publicado em 2007, que diversas configurações familiares são fontes de estigmatização. Às vezes, no discurso de psicólogos, professores e assistentes sociais, a desagregação é a resposta rápida para problemas sociais e psicológicos da criança. Só que não há nenhuma comprovação disso. Não há uma regra, por exemplo, de que um divórcio possa abalar a vida de qualquer garoto. Outra relação recorrente é o pouco envolvimento familiar nas questões escolares.

Segundo Rosa Maria da Exaltação Coutim, professora da UF de Ouro Preto, em entrevista à Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009, em sua pesquisa sobre o desempenho dos alunos cuidados pelos avós, com relação a educação dos netos, incentivam aos estudos, comparecem à escola, mesmo quando há pouca escolaridade.

2.2 A Família é Responsável pelo Aprendizado Escolar dos Filhos

Ao chegar á escola, a criança já traz consigo uma série de aprendizagens e valores que podem ser positivos ou negativos, dependendo da forma pela qual foi orientada.

O que se vê muito atualmente é esta ausência, especialmente de valores de interação entre as famílias e que favoreça a interação da criança em novos espaços como a escola.

Mais uma vez a família se faz presente. É nesta 1ª infância que valores são passados. Cabe a escola dar continuidade. No que se refere a esta questão, fiz uma postagem no blog¹, durante o desenvolvimento da interdisciplina Escola, Cultura e Sociedade. Fiz uma síntese de uma reportagem publicada no Jornal Vale dos Sinos, a qual aborda a questão da estrutura familiar e sua relação com a aprendizagem escolar.

Em seu livro, mencionado anteriormente, Lins de Barros (2006) explica que a família deve ser entendida em sua complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos. Deve assim, ser aprendida não só em suas funções econômicas, ideológicas, reprodutivas e sociais, como também em todas as suas contradições internas. Além disso, a família está inserida no meio social que o circunda e em um tempo histórico determinado, não podendo ser entendida fora dele. Por estar carregada de ideologias da sociedade na qual se encontra, constitui importante ponto de referência para a construção de identidades sociais. (BARROS, 2006, p. 97).

Conforme a psicóloga Rosane Rosas em reportagem ao Caderno Bem Estar – qualidade de vida (outubro de 2010), independente da cultura, religião, uma série de valores humanos como respeito, senso de justiça, sinceridade, gratidão, compaixão, responsabilidade, visão crítica e até cuidados com a natureza, devem ser passados desde a mais tenra idade.

Ensinar pelo exemplo. Partindo do básico de que as crianças ao nascerem não sabem de normas. Durante os primeiros anos seu mundo vai se reger pelas regras e ensinamentos que a família der. O fundamental é ensinar com o exemplo. Cerca de 90% das crianças aprendem com o que vêem, tomando suas atitudes como modelo de conduta. Assim não adianta explicar valores que se quer passar se não está sendo explicado na vida diária.

Segundo Lima Vieira (2006) a família, a empresa de maior hierarquia que podemos forjar, nasce do amor e só se sustenta com base no cultivo consciente deste mesmo amor, puro e verdadeiro. É preciso estabelecer uma nova posição

¹ Fonte: Disponível em: <<http://peadportfolio164264.blogspot.com/>>, postagem de novembro de 2008.

recuperar o equilíbrio perdido, em que a consciência do dever deve delinear a nossa postura. Ainda segundo a autora, a moral se constrói com bons exemplos e não com palavras e, pela assimilação de conceitos de vida. A ética, refletindo esses valores, cresce e favorece a convivência com os semelhantes.

Partindo deste princípio para a maioria dos professores, o ambiente familiar é preponderante na educação de crianças e de jovens. Além disso, tal afirmação ganha legitimidade por estar baseada no resultado da pesquisa sobre Qualidade da Educação, da Fundação SM e da organização dos Estados Ibero Americanos de 2008, que ouviu quase nove mil docentes. A escola, segundo os entrevistados tem uma influência menor. (A QUALIDADE, 2008).

Faz-se um questionamento sobre o que disseram estes entrevistados: Eles têm razão? Em parte, família e escola compartilham a responsabilidade de educar, mas com objetivos, conteúdos e metodologia distintos. "A escola é responsável pelo núcleo formal de ensino da leitura, escrita e da Matemática, suas regras e parâmetros científicos entre outros conteúdos", aponta Ana Costa Polônia da Universidade de Brasília, em entrevista concedida à Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009.

Até o século XIX, o ensino ficava a cargo da família e de pequenos grupos. Depois a escola assumiu esse papel, de formalizar conhecimentos, ampliá-los, sistematizá-los e torná-los comuns a todos. "Boa parte da Educação oferecida pela família foi deslegitimizada" (p. 103), conta Ana Maria Almeida da Universidade de Campinas. O que acontece é que agora a família está sendo convocada a participar. Esta mudança está legitimada nas novas teorias pedagógicas centradas no aluno, passando a levar em consideração o que ocorre com a criança fora do contexto escolar. Maria Alice Nogueira (2009), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais comenta que os professores não concebem mais sua atuação desvinculada da família. É importante conhecer a estrutura familiar da qual a criança faz parte, bem como os saberes que recebem nesta instituição, contudo não pode abdicar de seu papel: o trabalho formal e sistemático com o conhecimento. "O conteúdo escolar é uma tarefa docente", enfatiza Ana Polônia na reportagem concedida a Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009.

2.3 Os Pais Nunca Estão Presentes em Atividades da Escola

Esta é uma das queixas da escola. De fato em algumas escolas a participação dos pais é grande (especialmente em cidades pequenas) em outras a participação é baixa. No entanto, de forma geral a educação é valorizada pelos pais. Quem faz tal afirmação é a socióloga Maria Alice UFMG, em entrevista à Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009.

Segundo ela isto acontece porque o diploma, nos dias de hoje, ganha muita importância. Segundo ela os pais consideram o estudo muito importante para ficar só nas mãos deles. Mais do que interesse, os pais têm obrigação, é o que determina o ECA, cabendo a família cuidar para que a frequência às aulas seja cumprida. Por que a ausência dos pais? Este é outro questionamento que se faz. Segundo a pesquisadora há problemas de comunicação entre família e escola. Ela se refere a horários de reuniões não adequadas ao tempo disponível dos pais ou responsáveis, por exemplo. Há também divergência de opiniões e interesses. O professor fala em parceria, mas normalmente não aceita receber a opinião de um pai "leigo". Já os pais estão pouco dispostos a acatar recomendações sobre o modo de vida e o cuidado com os filhos.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2004, p. 07).

Art. 55º Os pais ou responsável têm obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino (BRASIL, 2004, p. 21).

A pesquisadora sugere que a escola numa tentativa de aproximação, lance questionamentos às famílias, tais como: o que impede ou atrapalha a participação na vida escolar? Que estratégias usa diante das dificuldades dos filhos? Tendo estes subsídios a escola pode colaborar, adequando horários e promovendo discussões sobre o trabalho pedagógico.

2.4 O Tema Principal da Reunião Deve ser o Comportamento

Os professores querem a participação dos pais para melhorar o desempenho do aluno, mas nas reuniões o que menos se fala é em aprendizagem. Luíza Maria Braga Silveira, doutorada pela PUC RS, também na mesma reportagem concedida à Revista Nova Escola, edição de setembro de 2009, identificou em suas pesquisas que os professores fazem reuniões apenas para reclamar e cobrar atitudes dos pais. Não perguntam como ele estuda em casa. Para ela as reuniões deveriam ser momentos de explicar o planejamento pedagógico, ações realizadas e evolução do aprendizado. Uma forma dos pais entenderem como isso se processa é realizar uma atividade desenvolvida com os alunos.

A fim de contornar problemas de comportamento, família e escola acabam seguindo caminhos distintos, conforme Silveira². É preciso estabelecer práticas comuns que devem ser articuladas em encontros destas duas instituições.

2.5 A Escola do meu Filho Oferece um Ensino de Boa Qualidade

Recente pesquisa feita pelo MEC, conforme reportagem da Revista Nova Escola edição de setembro de 2009, sobre como os pais vêem a escola pública causou surpresa para muitos. Conforme levantamento realizado, os pais mostram-se satisfeitos. No entanto para quem conhece a realidade das famílias brasileiras não se surpreende, visto que as camadas populares, que são a maioria com filhos nas escolas públicas tem menos condições (ou acham que têm) de avaliar e questionar o trabalho pedagógico. Outra hipótese levantada pela professora Zaia Brandão PUC RJ para tal satisfação está na comparação feita com o passado quando faltavam escolas, merenda e material didático. Além de políticas de assistência inexistentes. Contudo, no estudo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, os pais mostram clareza sobre o principal atributo que uma escola deve ter: um professor que saiba ensinar³.

² Fonte: Revista Nova Escola, edição n. 225, setembro de 2009.

³ Fonte: Revista Nova Escola, edição n. 225, setembro de 2009.

Partindo desta problemática elaborei um questionário para que os pais de meus alunos respondessem, a fim de comparar com o que dizem as pesquisas, bem como refletir sobre o comportamento destas famílias, da realidade com a qual trabalho e elaborar estratégias para mudar essa realidade.

Tais mitos citados no referencial teórico serão aprofundados no decorrer do trabalho.

3 A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA NO DECORRER DOS TEMPOS

Antes porém, é importante retomar alguns aspectos de como a família foi evoluindo durante as últimas décadas. De acordo com o texto de Andréia Cristina Alves Pequeno, Assistente Social do INES, no Brasil – Colônia, caracterizado pelo trabalho escravo e produção rural, identifica-se o modelo de família tradicional, extensa e patriarcal. Neste modelo, os casamentos baseavam-se em interesses econômicos. O papel da mulher era subserviência, fidelidade e castidade. Os filhos considerados a continuação do patrimônio do patriarca, eram retirados da proteção materna ao serem amamentados e cuidados pelas amas de leite.

Nas últimas décadas do século XIX, um novo modelo de família vai surgir. O início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país, a partir da Proclamação da República faz se expandir o modelo de família burguesa, já existente na Europa. Aqui percebe-se a diminuição do número de filhos. O pai continua sendo a autoridade, todavia a mulher assume novo papel, o de zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

Mas foi apenas a partir da década de 60 que os pensadores contemporâneos retomaram o interesse pelas relações familiares, mesmo que esta instituição já tenha apontado para mudanças quando da revolução política e industrial. A questão das gerações está ligada intimamente a problemática das mudanças sociais. É apenas na Constituição de 1988, que se aborda a questão da família, trazendo novidades, ou seja, um novo conceito de família. A união estável entre homem e mulher, por exemplo, e a comunidade formada por qualquer um dos pais e seus descendentes, se constitui em um núcleo familiar. A constituição reconhece que direitos e deveres referente à sociedade conjugal devem ser exercidos igualmente.

Art. 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, [s.d, 148]).

As mudanças mais evidentes que vêm interferindo na dinâmica e estrutura familiar, trazendo assim um novo padrão de organização, são as seguintes segundo Pereira (1995): queda da taxa de fecundidade, tendência de envelhecimento populacional, declínio do número de casamentos, aumento da dissolução dos vínculos matrimoniais constituídos, aumento da taxa de coabitações, o que permite que as crianças recebam outros valores; menos tradicionais, aumento do número de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, as quais trabalham fora e como consequência possuem menos tempo para cuidarem dos filhos.

Tal dinâmica observa-se obviamente na realidade em que trabalho também. O que era observado nas famílias de uma década atrás, por exemplo, hoje já se percebem algumas diferenças, como veremos a seguir, a começar pela quantidade de filhos e o próprio nível de escolaridade das famílias.

4 SOBRE O QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS FAMÍLIAS E PELOS PROFESSORES

Ao longo da minha prática, ao desenvolver atividades em que a família estava envolvida, de alguma forma observava que a aluna “L” não realizava as tarefas.

Certa vez, na aula do dia 15/04, por exemplo, fizemos um levantamento sobre as origens de cada família, onde nasceram, tempo em que moram no bairro, no município, se possuem parentes em outros bairros de Novo Hamburgo, entre outras perguntas. A referida aluna não cumpriu a tarefa. Ao ser questionada por mim por que não tinha feito, disse que não sabia responder. Então solicitei que levasse para casa a fim de que a mãe pudesse ajudá-la a completar. No outro dia, fui conferir seu caderno e o mesmo continuava em branco. Tornei a perguntar e sua explicação foi de que havia esquecido.

Inicialmente, imaginava que se tratava de mais uma aluna que não demonstra interesse pelas atividades escolares. Chamei sua atenção, disse que deveria ser mais responsável.

Em outro momento solicitei aos alunos que escrevessem sobre o que gostariam de aprender a respeito de Novo Hamburgo. A aluna “L” mais uma vez não realizou a tarefa. Disse que não sabia escrever. Então tentei argumentar que uma pessoa ao trocar de cidade tem a curiosidade de conhecer sobre como é o novo lugar que adotou por moradia. E mesmo quando somos do lugar, sempre temos a algo a aprender ou conhecer sobre ele. Ela respondeu que já havia morado em Novo Hamburgo que já conhecia tudo, portanto não tinha o que saber. Achei estranho.

Enfim as atividades foram se desenvolvendo. Quando as tarefas não envolviam socialização, família, experiências pessoais, a aluna “L” se saía relativamente bem. Não demonstrava grandes dificuldades em cálculos, histórias matemáticas ou atividades envolvendo Língua Portuguesa. Sempre gostou muito de ouvir histórias, sentindo-se à vontade para perguntar e criar suas hipóteses. Era como se vivesse aquela história. Por ser desatenta, parar várias vezes para conversar, prestar atenção nos outros colegas, não concluía todas as tarefas.

Outro fato que me chamou a atenção foi de que em determinado momento enviamos a autorização para uso de imagem e a mãe não permitiu. Pedi que ela viesse à escola para conversarmos e ela não apareceu. Disse que não tinha tempo. Então enviei uma cartinha, detalhando o funcionamento do uso de imagem e que não havia motivo para preocupação. Diferente de outras famílias que inicialmente não concordaram, mas após maiores esclarecimentos autorizaram, a mãe desta menina não concordou de forma alguma.

Essa sucessão de fatos foram me chamando a atenção e culminando com o relato de uma colega. Essa menina um dia me chamou, pedindo que não contasse a ninguém, mas que a aluna “L” era espancada pela mãe. Perguntei como sabia de tal fato. A aluna “V” respondeu que tinha sido “L” mesma quem havia contado. Conforme a conversa das duas, a mãe a agredia quando não fazia as tarefas domésticas. Levei então ao conhecimento da coordenação e direção da escola. Marcamos uma reunião com a mãe. Ela compareceu. Mostrou-se acessível e então contou a história de “L”. Seus pais faleceram em função de complicações ocorridas em decorrência da Aids. Nenhum dos parentes e irmãos mais velhos quis assumi-la. Segundo ela, ficou penalizada e solicitou a guarda da menina junto ao juizado. Havia cinco anos que a menina estava sob sua tutela e aguardava a adoção definitiva. Ao perguntar sobre o comportamento de “L” em casa, a mãe adotiva disse que ela era bastante inquieta, por vezes teimosa e distraída. Perguntei como agia com a menina quando esta fazia algo que lhe desagradava. Respondeu que a repreendia e se necessário a colocava de castigo. Antes que fizesse qualquer observação à respeito já foi falando que nunca batia na menina. Lavramos em ata a reunião.

Segui meu trabalho, procurando observar suas atitudes e comportamento ainda com mais atenção. Ao realizarmos o passeio de estudos por Novo Hamburgo, “L” mostrou-se encantada. A cada lugar observado apontava detalhes que lhe chamaram a atenção como as pinturas (afrescos da Igreja Matriz). O simples fato de passar pelas ruas do centro foi motivo de empolgação. *“Nossa professora como tem movimento né”*. Então perguntei:

“- Mas ‘L’ tu não disseste que já conhecia Novo Hamburgo”?

“- Aqui não, aqui é diferente. Eu não sabia que Novo Hamburgo era tudo isso”.

Refleti sobre todas as atitudes e fui ligando as coisas. O não querer conhecer Novo Hamburgo, por exemplo, e dizer que não tinha nada para perguntar

reflete provavelmente as más lembranças que viveu no bairro onde morou que para ela era Novo Hamburgo. O adorar ouvir histórias e “viajar” consistia a uma forma de fugir da realidade. “L” se sentia feliz na escola, entre os colegas, brincava e sempre foi gentil comigo e demais professores.

Até que certo dia ela chegou à escola com marcas de unha no pescoço. Pedi que me contasse, pois não tinha como esconder. Ela então relatou os fatos. Contou que fora agredida por ter derrubado a televisão. Pedi que falasse sobre a frequência com que ocorriam as agressões. “L” me respondeu que aconteciam quase que diariamente. Nesta última agressão, conforme suas palavras disse: *“minha mãe não me quer mais, que eu só incomodo, atrapalho, vai me entregar pro juiz. Ela disse que se arrependeu de me pegar”*.

Tomamos as devidas providências, entramos em contato com a escola onde havia estudado anteriormente. Conforme a coordenadora as agressões eram frequentes. A escola acionou o Conselho Tutelar. Já na época a mãe adotiva manifestou o desejo de entregar a menina. Foi feito então um trabalho com ela. Foi orientada pela conselheira a pensar melhor, pensar na menina, no que já tinha passado tão pequena. Segundo a coordenadora da escola, a mãe reconsiderou e aceitou permanecer com a guarda de “L”. Foram assistidas pelo Conselho Tutelar até que se transferiram para Novo Hamburgo.

Enfim hoje a menina está abrigada na Casa Lar do município. Com tão pouco tempo de vida já tem uma experiência tão sofrida em seu histórico familiar. Então me pergunto: como será seu futuro sem ter tido uma estrutura familiar que lhe permitisse um desenvolvimento saudável em todos os aspectos? Será que alguém conseguirá assumir esse papel de orientá-la e amenizar tamanho problema?

Em virtude disso, resolvi ampliar minha reflexão sobre os vínculos família-escola a partir de questionários enviados às famílias, conforme constam em anexo. Tais dados oportunizaram a reflexão que desenvolvo nesse estudo de caso, feito na Escola em que estagiei e na qual atuo como docente.

4.1 Sobre as Mudanças no Número de Filhos das Famílias Entrevistadas

Das 24 famílias às quais foram entregues os questionários, recebi o retorno de 22, perfazendo, portanto um percentual de 91%. As primeiras questões relacionam-se à quantidade de filhos na escola, bem como à escolarização dos demais integrantes que estão em outra comunidade escolar. Cerca de 54% das famílias possuem apenas um filho na escola e 36% possuem 2 filhos pertencentes a nossa comunidade. Aqui percebe-se uma grande mudança na dinâmica familiar. Comparando com o passado não tão distante, tínhamos muitos irmãos estudando conosco, sendo a diferença de idade mínima.

Questionados sobre filhos estudando nas séries finais do Ensino Fundamental, percebemos uma igualdade no percentual. Das famílias entrevistadas 50% possuem filhos estudando nas séries seguintes e os outros 50% ainda não frequentam tal segmento. Quanto à existência de filhos frequentando o Ensino Médio, apenas 9% os têm. No âmbito da Educação Infantil, apenas 31% famílias têm crianças iniciando sua vida escolar. Outra questão importante relaciona-se a possíveis membros fora da escola com menos de 18 anos. São 27% dos filhos das famílias entrevistadas que estão fora da escola. Observando este índice e voltando há anos passados, quando iniciei meu trabalho nesta comunidade, e levando em conta as condições sócio-econômicas e culturais das respectivas famílias pode-se dizer que o mesmo é baixo. No passado o número era muito maior, muitos jovens deixavam a escola para entrar no mercado de trabalho informal. Atualmente percebe-se que, ao contrário do que acontecia, muitos jovens apesar de estarem no mercado de trabalho, seguem seus estudos.

Analisando estes resultados percebe-se claramente o que foi dito acima no referencial teórico. A mudança da dinâmica familiar. O perfil das famílias entrevistadas mostra essa evolução. As famílias são compostas por menos membros, a diferença de idade entre os irmãos aumentou, bem como a continuidade de crianças seguindo nos estudos progredindo, em contrapartida com o número de jovens que não seguiram seus estudos ter diminuído.

4.2 A Família e a Autonomia dos Filhos com Relação a Execução as Atividades

Questionados sobre como agem com relação aos filhos no que se refere às tarefas de casa, percebe-se que a maioria não interfere na resposta às tarefas solicitadas, deixando à cargo dos filhos a autonomia para decidirem quando, como e onde farão os temas. As perguntas realizadas sobre o tema foram: “Você determina um horário para seu filho fazer o tema?” Do total, 63% não determinam ou o fazem esporadicamente. Na 2ª questão sobre o horário de fazer o tema, 54% dos entrevistados responderam que as crianças realizam os temas à noite. E, finalizando as questões sobre esta categoria, perguntados sobre o local de realização das tarefas, o percentual maior, 36%, deu como resposta a mesa da cozinha. Analisando tais resultados, pode-se pensar em algumas hipóteses para os mesmos. O fato de realizarem os temas à noite, pode estar relacionado ao fato de os pais estarem em casa neste horário para os ajudar. Mas pode, também, configurar que a escola não está em primeiro lugar nas prioridades dos alunos. Realizam outras tarefas durante a tarde, como brincar, assistir televisão, jogar bola ou vídeo game, acompanhar familiares, cuidar dos avós, ou realizar alguma “favor” para vizinhos e amigos. No que se refere ao local para realização das tarefas, nos reportamos à questão econômica. Apesar de haver uma evolução neste aspecto, muitas famílias ainda possuem uma condição de vida, aquém do ideal. Muitos moram em casas pequenas, onde não há lugar apropriado ou mesmo privacidade, conforto e tranquilidade para realização das atividades escolares.

Reportando a Paulo Freire (2004), ele sugere que, para favorecer o processo de formação da autonomia, a criança deve participar da escolha do melhor horário para fazer suas tarefas escolares e que este horário não seja sempre determinado pelos pais.

Talvez esta atitude de liberdade e de formação da autonomia possa incentivar a criança no cumprimento de suas responsabilidades, pois caso isto não ocorra, este fato pode gerar um eminente fracasso escolar, que, por sua vez, poderá ocasionar um menor rendimento do aluno, baixa auto-estima e diversas alterações comportamentais.

Todavia não basta levar a criança a uma suposta autonomia sem lhes dar suporte para que possam administrar essa responsabilidade.

A gente vai amadurecendo todo dia ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2004, p. 107).

4.3 A Família e o Acompanhamento das Atividades Discentes

Ao serem questionados quanto ao acompanhamento dos filhos, as famílias mostraram-se interessadas pelo rendimento de seus filhos. As questões a seguir refletem tal constatação. Vejamos:

“Você costuma buscar o boletim de seu filho?” Quase a unanimidade respondeu que sim, ou seja, 95% das famílias demonstram tal preocupação. Quanto a participação em reuniões, todavia, o empenho não é o mesmo, pois 59% das famílias entrevistadas responderam que comparecem esporadicamente à escola para tal finalidade. As famílias assíduas às reuniões apresentaram um índice ainda mais baixo: apenas 36% costumam estar presentes a todas as reuniões.

Já quanto ao acompanhamento dos cadernos, 81% das famílias dizem participar efetivamente desta tarefa, demonstrando com isso comprometimento, interesse pela vida escolar de seus filhos. Também há um esforço em orientá-los, comprovados na porcentagem obtida, 81%. Estas respostas refletem dois aspectos importantes, segundo especialistas. Os motivos para o não comparecimento às reuniões e a preocupação para que o filho tenha um bom desempenho. Segundo a pesquisadora Andréia Cristina Alves Pequeno, em seu artigo “Educação e família: uma união fundamental?” é crucial a participação da família na escola. É preciso ter clareza do que entendemos por participar. Será que é estar presente nas reuniões para ouvir informações burocráticas e queixas referentes ao mau comportamento dos alunos? Será que é ter acesso a decisões previamente estabelecidas? Será que é ajudar a organizar a festa junina da escola? Será que é poder ouvir e falar? Será que é a possibilidade de uma ação coletivamente construída por todas as partes

envolvidas no processo ensino-aprendizagem, na qual se compartilhe equitativamente, resguardadas as particularidades dos sujeitos envolvidos, a possibilidade de planejar, decidir e agir?

Enfim, muitos podem ser o significado da palavra participar. É preciso que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que nós educadores esperamos enquanto sua participação na escola. Para tal, precisamos nos despir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporarmos o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido.

Uma boa relação entre família e a Escola deve estar presente em qualquer ação educativa. E esta ação educativa deve se estender aos pais, através de discussões, informações e orientações que os mesmos devem receber sobre a educação de seus filhos. Desta forma escola e família mantendo esta reciprocidade podem proporcionar um bom desempenho escolar e social à criança. Segundo Piaget (2007), [...] toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos. (p. 50).

4.4 Os Pais e as Dificuldades em Auxiliar os Filhos nas Tarefas Escolares

Quando responderam sobre possíveis dificuldades em auxiliar seus filhos, 72% responderam afirmativamente. Indagados sobre os motivos, houve uma variedade de respostas, entre as quais estão: *“ensino mais moderno do que no meu tempo, hoje o conteúdo é mais difícil, não lembro do conteúdo, estudei até a 2ª série, não entendo certas coisas, não tenho estudo, muito tempo sem estudar, tenho dificuldade em matemática, tenho que me esforçar para entender.”* Esta última resposta reforça os resultados encontrados por especialistas: a vontade de querer que o filho aprenda, mesmo tendo que ir de encontro às suas limitações. Das famílias que retornaram o questionário 95% possuem o Ensino Fundamental Incompleto, sendo que destes 32% estudaram até a 4ª série, um índice consideravelmente alto.

4.5 Família e Valorização dos Estudos

Também foram feitas perguntas relativas à valorização do estudo no que diz respeito ao quanto este é valorizado pelos pais. Tal aspecto se evidencia no diálogo que há entre os meus alunos e suas famílias. Das famílias que responderam ao questionário 90% realizam o exercício de conversar sobre a função que a educação exerce em nossa vida. Os pais deram as mais variadas respostas, tais como:

“estudar é importante para se ter um bom emprego, para se ter um futuro melhor, para ser alguém na vida, para realizar seus sonhos, conhecimento nunca é demais, através do estudo nos torna uma pessoa mais esclarecida, sem estudo não se consegue nada, estudo é importante não apenas para passar de ano mas para o futuro, é preciso ter um objetivo na vida, pela concorrência no mercado de trabalho, para ser útil”.

Percebe-se que para as famílias o estudo está ligado diretamente ao sucesso profissional. Ainda não é visível para elas que a função do estudo vai além disso. É algo incompreensível para as famílias falar em cidadania, autonomia, identidade, afinal, tais conceitos nunca fizeram parte de seu histórico escolar bem como em seu histórico social. Apenas uma das mães em sua resposta abordou esta função da família. Isso se deve ao fato de ser uma pessoa mais esclarecida, que segue estudando. Ela cursa Serviço Social.

Na questão seguinte, pelas respostas dadas, fica evidente que os pais vislumbram um bom futuro para seus filhos. Sonham além. Metade das famílias almeja ver seu filho cursando o nível superior. Outras 3 pensam em algum curso técnico, serviço público ou negócio próprio. Algumas famílias, porém, foram mais subjetivas em suas respostas, visto que ao serem questionadas à respeito, atribuíram a futura escolha profissional ao desejo do filho, associando a felicidade do mesmo *“Ele deve escolher o que lhe trouxer felicidade”*. Outra família não pensa à respeito ainda argumentando que é muito cedo para pensar no assunto. E há ainda duas famílias que consideram que o futuro não está em nossas mãos, não depende do nosso esforço, mas sim do consentimento divino, ou seja, *“o futuro pertence a Deus”*, esta foi a resposta dada.

4.6 A Família e seu Dever na Educação dos Filhos

As famílias mostram certa consciência, quando interrogadas sobre suas responsabilidades. Devo dizer aqui que as respostas foram dadas por poucas famílias, algumas se omitiram nesta questão. A variedade de respostas não corresponde a todas as famílias, mas sim a poucas, visto que uma mesma família elencou mais de uma atitude. A valorização existe, porém as famílias não se vêem como co-responsáveis na educação dos filhos, mas como coadjuvantes. É perceptível aqui que as mesmas acreditam que sua contribuição é apenas quanto acompanhamento de tarefas em casa e buscar o boletim.

Conforme Esteve (1999), a família abdicou de suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não conseguem preencher. Como consequência vemos chegando na escola, crianças desenvolvendo seus afazeres escolares, sem qualquer tipo de apoio da família. Escola e família não podem e não devem se modificarem em suas formas de se desenvolverem e de se organizarem, a escola em função da família e vice-versa, mas podem e devem estar abertas às trocas de experiências mediante parceria significativa. A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2002, p. 6).

O ambiente familiar é muito importante para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Portanto é imprescindível que esta esteja envolvida no processo ensino aprendizagem, visto que favorecerá o desempenho escolar do educando. Das 24 horas do dia, apenas 4 a criança está no convívio escolar. No restante do tempo a criança está de alguma forma no convívio familiar, mesmo que não diretamente com os pais, já que como ocorre na realidade atual, ambos trabalham na maioria dos casos. Mas há alguém da família, irmãos mais velhos, avós, tios que por algumas horas assumem esta tarefa ou deveriam assumi-la de cuidar da crianças sobre todos os aspectos. A família é fundamental na formação cultural e social de qualquer indivíduo, portanto se não houver uma boa condução por parte dela, afetará na maioria das vezes o rendimento escolar. Por isso é

fundamental que a escola estude cada realidade familiar, já que a mesma passa há tempos por um processo de transformação profunda.

Não há uma fórmula mágica para se efetivar esta relação, contudo a interação se faz necessária para ambos conhecerem suas realidades e construir de forma coletiva uma relação de diálogo mútuo, a fim de concretizar tal parceria, mesmo com dificuldades e diversidades características de cada uma das instituições.

4.7 O que a Família Pensa da Escola

Aqui não houve um consenso por parte de certas famílias. Algumas fizeram referência apenas à precariedade da estrutura física da escola, enquanto outras deram destaque ao trabalho em sala de aula. Vejamos suas respostas:

“escola ensinar boas atitudes, melhorar o ensino da matemática, a limpeza dos banheiros, recreio mais calmo, construir o ginásio, novas salas, drenar o pátio, ouvir mais os alunos diminuir a violência nas escolas, tarefas com grau maior de dificuldade, a visão antiga da escola (ser mais dinâmica, interagir mais com os alunos), o professor ter mais tempo para ajudar os alunos com dificuldade, a escola sempre procura melhorar”.

Segundo as famílias é dever da escola:

“dar limites, dar mais temas, mais tarefas, observar a criança com dificuldade, ensinar o que é necessário, não deixar que os maus alunos interfiram na vida escolar dos bons alunos, comunicar sobre o comportamento, propiciar um ambiente saudável de estudos, empenhar-se na aprendizagem dos alunos, disciplina: ensinar o que é certo e errado, ter paciência, incentivar o aluno”.

Como se vê os pais têm consciência do dever da escola, mais do que sua própria parcela de contribuição. Os pais sabem o que significa qualidade do ensino e o que querem para seus filhos. Em pesquisa feita pelo IBOPE em novembro de 2006 com pais e responsáveis por alunos de escolas públicas municipais e estaduais do Estado do Rio de Janeiro revelou que:

- 81% concordam com provas de avaliação externa das escolas, como a Prova Brasil;

- 71% não tiveram qualquer informação sobre o desempenho das escolas;
 - 96% dos pais demonstraram interesse em receber essas informações;
 - 96% acham que deve haver avaliação de desempenho dos professores;
 - 68% acham que os professores deveriam ganhar de acordo com o mérito ou a qualidade do desempenho;
- 72% acham que os diretores deveriam poder demitir os professores que não tivessem desempenho de acordo com as exigências da escola.

Tais informações foram retiradas do artigo Escola e Família – Dez questões atuais sobre o relacionamento professores/pais/comunidades. Tal artigo é uma síntese de um Seminário ocorrido em agosto de 2007, promovido pela Fundação Escola do Serviço Público, do Governo do Estado do Rio de Janeiro e tendo como palestrantes Lucila Martinez, educadora, especialista em planejamento da educação; Antônio Carlos Gomes da Costa, pedagogo, diretor de Relações Institucionais da Fundamig; Maria Cristina Leal, graduada em História pela Universidade Federal Fluminense, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maria Eulina Pessoa de Carvalho, graduada em pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba e Vitor Henrique Paro, doutor em Educação pela PUC - SP⁴

Observa-se, portanto, que, no momento que a escola redimensionar sua visão sobre a participação dos pais, haverá maior participação. Reportando mais uma vez a minha realidade, buscando motivos para a omissão dos pais, encontro na pesquisa realizada as respostas que há tempos procuro. O planejamento, bem como sua condução segue a este modelo. Acabamos realmente monopolizando cada reunião; apresentamos nossa proposta de forma superficial, o que cobraremos durante o ano do aluno. Não explicamos aos pais o porquê de determinado assunto, o que ele pensa, o que ele espera. Realmente como acontece na maioria das escolas, não há preocupação em passar os aspectos pedagógicos e administrativos da escola, visto que os pais são leigos e, portanto, incapazes de compreender nossa proposta. Isso tem a ver com o momento em que a escola assumiu a educação das crianças em todos os aspectos. Já que os pais delegaram esta responsabilidade, não lhes cabe opinar, manifestarem-se, afinal somos nós os especialistas em educação.

⁴ Fonte: Disponível em: <http://www.fesp.rj.gov.br/fesp_2007/escolafamilia.pdf> Acesso em: 04 set. 2010.

A escola quer o retorno dos pais, quer a parceria, mas não sabe como fazer e acaba os afastando com estas atitudes.

Segundo o artigo de Keila Hellen Barbato Marcondes, "A relação entre a família e a escola no contexto de progressão continuada"⁵.

A unidirecionalidade e a hierarquização dos encontros são também destacadas como negativos para o comparecimento. Quando a professora não cria um clima de confiança entre pais e docentes, dificilmente obterá uma participação ativa dos mesmos.

Se a relação não é recíproca, não desenvolve confiança e é hierárquica, ocorrerá possivelmente o retraimento, o que ocasiona um distanciamento dos familiares do ambiente escolar. (BHERING; DE NEZ, 2002). Segundo Paro (2000), há uma dificuldade existente entre família e escola o que prejudica o entendimento de ambas. Por um lado a incapacidade de compreensão por parte dos pais daquilo que a escola transmite. Do outro lado, a falta de habilidade dos professores em promoverem essa comunicação.

Há, portanto, um paralelismo entre estas duas instituições rompidos por raros e frágeis pontos de intersecção. Conforme Paro (2000), além de professores mal formados, a escola não dá importância ao que acontece com seus educandos fora e antes dela, escola. Os diversos fatores que dificultam a relação entre família e escola são especialmente de ordem afetiva e moral. Sendo assim, é imprescindível a construção de uma parceria baseada num planejamento consciente, visto que a escola não sustenta e talvez nunca tenha sustentado a posição de substituta da família na função de educadora.

Quanto à falta de um necessário conhecimento e habilidade dos pais para incentivarem e influenciarem positivamente os filhos a respeito de bons hábitos de estudo e valorização do saber, o que se constata é que os professores, por si, não têm iniciativa de um trabalho a esse respeito junto aos pais e mães. Mesmo aqueles que mais enfaticamente afirmam constatar um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se mostram omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia considerar propício para isso. (PARO, 2000).

⁵ Fonte: Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/gt2>> Acesso em: 01 out. 2010.

A escola precisa dessa relação de cooperação com a família, a fim de conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos alunos. Desta forma poderão respeitá-los, compreendê-los e ter condições de intervirem de forma positiva para o sucesso escolar dos educandos. Cooperação para Piaget, conforme as palavras de Menin (1996), “é estabelecer trocas equilibradas com os outros, sejam estas trocas referentes a favores, informações materiais, influências, etc” (MENIN, 1996, p. 57). Segundo o sentido Piagetiano, a relação família/escola pressupõe respeito mútuo, a fim de que seja garantida as possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem o receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. Uma ligação estreita e continuada entre professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e frequentemente, em aperfeiçoamento real de métodos. Ao aproximar escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 2007).

Cabe aos professores uma tomada de consciência de que as reuniões com os pais não podem mais ser lugar para despejar uma lista de problemas, de reclamações ou em monólogo, ou seja, onde só o professor fala. Os pais não estão preparados nem para enfrentar os problemas, muito menos para solucioná-los. A iniciativa desta parceria cabe aos professores, visto que o contrário só reforçará nas famílias o sentimento de incapacidade, ansiedade e até vergonha. Como consequência os afastará da escola como está acontecendo atualmente.

4.8 A Visão dos Professores Frente a esta Problemática

Da mesma forma que fiz para os pais dos meus alunos, também elaborei um questionário para meus colegas de trabalho, a fim de encontrar elementos que reforcem o que dizem as pesquisas realizadas pelos especialistas já citados anteriormente, frente a esta problemática: a família e sua influência no processo de aprendizagem.

Diferentemente dos pais, elaborei questões subjetivas com o propósito de conhecer, de fato, a visão dos meus colegas, de comparar as respostas,

encontrando, desta forma, pontos em comum e discordantes entre eles, já que cada pessoa envolvida diretamente nessa problemática (professores), tem sua visão, sua interpretação e sua própria realidade, dentro de uma realidade em comum.

Cabe ressaltar que somos 17 profissionais atuando em nossa escola. Dos 17, obviamente me exclui e também não houve possibilidade de entregar o questionário para o colega de Educação Física e para meu diretor, devido às movimentações ocorridas na escola nos últimos dias. Sendo assim, 14 colegas receberam o questionário e destas, 12 me retornaram.

Questionadas sobre os motivos que levam ao afastamento dos pais da escola, as respostas obtidas foram bastante variadas. Observa-se nestas respostas que os motivos mais levantados pelo descaso dos pais frente à educação de seus filhos está o desinteresse e irresponsabilidade.

Mas de onde viria este desinteresse e esta irresponsabilidade? Conforme respostas de outras colegas, o desinteresse ou a irresponsabilidade está ligada a um círculo vicioso, ou seja, os pais de nossos alunos são filhos de pais que também não compareciam a escola. Tal comportamento se repete geração após geração. Outro aspecto importante levantado por outras colegas relaciona-se a participação dos governos. Não há segundo elas políticas públicas que facilitem tal aproximação. Além do que não há por parte do governo a valorização da educação, com investimentos. Os pais acabam absorvendo este descaso.

Fazendo referência às peculiaridades das famílias com as quais trabalho está a visão assistencialista que os mesmos atribuem. Reforçando o que relataram algumas colegas, a comunidade com a qual atuo está costumada ao paternalismo, a receber tudo pronto, não desenvolvendo, portanto o sentimento de colaboração. Não há uma troca, uma parceria na condução da instituição escolar. Não sentem a escola como deles, mas como ambiente que deve apenas lhes servir.

Como se sabe, as mudanças ocorridas na família ao longo dos anos fizeram com que os papéis da escola fossem ampliados para atender às novas demandas da família e da sociedade. Sendo assim, para um relacionamento significativo entre ambas as instituições, a própria escola deve ser o ponto de partida, visto que os pais pouco ou quase nada sabem sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral e social, bem como a forma pela qual se dá a aprendizagem de seus filhos.

Em função disso os professores são, na visão dos pais, especialistas em educação, devendo, portanto, num 1º momento auxiliá-los, mas em última instância assumir a educação dos filhos por completo. O papel da escola, por sua vez, está na construção desta parceria, levando em conta a necessidade da família e procurando fazer com que a mesma vivencie situações, a fim de se sentirem participantes ativos nesta parceria. A experiência escolar tem mostrado que a participação dos pais é de fundamental importância para o desempenho escolar e social da criança. Se família e escola buscam atingir os mesmos objetivos, preparar a criança para o mundo, devem partilhar dos mesmos ideais para superar dificuldades e conflitos.

Outros motivos abordados pelas entrevistadas refere-se às mudanças do perfil da sociedade atual: os compromissos que cada vez mais tomam tempo das famílias, o horário de trabalho incompatível com os horários que a escola oferece. Em função destas novas demandas impostas pela sociedade, os pais acabam “terceirizando” (palavras de uma colega) a educação dos filhos cada vez mais cedo. A preocupação se restringe apenas a manutenção dos recursos e o restante é delegado à escola.

Reporto-me aqui a uma das sínteses de textos lidos por mim elaboradas, “A relação entre a família e a escola no contexto de progressão continuada, de Keila Hellen Barabato Marcondes, que traz a seguinte constatação: Há uma tendência da escola em se apegar ao modelo familiar nuclear burguês, o qual pressupõe haver uma mãe em tempo integral, totalmente fora da realidade atual. Os crescentes índices de pobreza econômica, emprego materno, divórcio, estresse familiar e mulheres chefes de família impede que as famílias estejam presentes na escola no momento em que são solicitadas.

Também foi levantado o regimento escolar, as regras da escola em si (não apenas a nossa) que não facilitam esta aproximação. Neste aspecto relacionado ao regimento escolar, trago um elemento importante contido no referencial teórico estudado. A maneira pela qual as reuniões são conduzidas ou planejadas. Refiro-me, novamente à unidirecionalidade, à hierarquia, à barreira lingüística, já citada, entre os representantes destas instituições que se constituem também em impedimento para uma boa relação de parceria. Além disso, não é levada à pauta de discussões das reuniões o funcionamento da escola e o trabalho pedagógico.

Perguntados se a escola contribui ou não para o afastamento dos pais, as respostas se dividiram. Houve referências específicas a nossa escola, bem como

referências à escola de forma geral, enquanto instituição educacional. Tratando especificamente da nossa escola, a resposta foi negativa, ou seja, a nossa escola não contribui para o afastamento dos pais, pelo contrário, procura-se buscar estratégias a fim de que os pais se aproximem dela.

Falando da escola de forma geral, para alguns, a escola não é responsável pelo afastamento, já que, atualmente, ocorre um protecionismo do Estado em relação às famílias. O Estado fornece recursos didáticos necessários e suporte financeiro. Sendo assim os pais sentem-se descompromissados. Os filhos são pagos para estudar. A escola tem feito o possível para atrair a atenção e a participação dos pais. Segundo uma das entrevistadas, a escola não afasta propositadamente, o que pode acontecer é a maneira pela qual ela busca essa aproximação. A maneira como o faz talvez esteja sendo equivocada, ultrapassada. Complementando o que disse a colega, é possível que falte-nos estratégias mais eficazes para que os pais lancem um novo olhar para a escola. Explicar detalhadamente as atribuições da mantenedora até onde vai e o que seja responsabilidade da comunidade escolar. E aí entende-se e deve-se esclarecer-lhes que comunidade escolar significa professores, funcionários, alunos e também os pais. Esta resposta vai ao encontro de outra contida no questionário, em que uma colega fala da falta de planejamento e de organização das atividades escolares. Para outra colega, a escola pode contribuir ou não para o afastamento dos pais, dependendo da relação que esta estabelece com as famílias. Conforme outra resposta, a escola não afasta, pelo contrário, ela proporciona momentos em que a participação dos pais torna-se imprescindível. Cabe ressaltar que neste caso a colega está falando de uma escola particular onde seu filho estuda. Mas cabe a nossa realidade também, quando da entrega dos boletins onde a presença dos pais é imprescindível. Então aproveitar este momento em que a grande maioria dos pais está presente para buscar esta aproximação.

Outra colega atribui a baixa renda das famílias como fator para não valorizar a educação. Portanto não é a escola que contribui para o afastamento dos pais: são estes que não vêem sua participação como sendo importante. Mandar os filhos para a escola já é o bastante, o resto é responsabilidade da escola.

Esta resposta contradiz o que apontam as pesquisas, pois, ao contrário do que a escola pensa, os pais preocupam-se sim com a escolarização dos filhos, independente da classe social e buscam estratégias para envolverem-se com a

escola. Uma das formas é eleger os filhos mais velhos como seus representantes. Contudo os professores não dão o mesmo valor.

Conforme outra colega a escola acaba contribuindo para o afastamento dos pais já que está sobrecarregada, por conta de uma responsabilidade que lhe foi imposta e que não pertence exclusivamente a ela. Por outro lado, algumas das colegas entrevistadas consideram que a escola contribui para o afastamento dos pais. Isto ocorre, segundo as entrevistadas, pelo fato de a escola atribuir a si própria uma linguagem dominadora e patriarcal. Para duas outras entrevistadas, a escola contribui à medida em que só pede a participação dos pais quando o filho apresenta problemas de disciplina ou de aprendizagem. Ou então nas festas quando necessita arrecadar recursos para se manter. Seria interessante que as famílias fossem incentivadas a participar das reuniões, dos mutirões e, também, da apreciação dos talentos dos seus filhos.

Com relação especificamente a nossa realidade, perguntadas se a comunidade na qual a escola está inserida, demonstra comprometimento ou não, as respostas se assemelham com as anteriores, já que nosso contexto é uma unidade pertencente a um contexto mais amplo, e, portanto, reproduzindo o que acontece na maioria de nossas escolas. Segundo as colegas entrevistadas, as famílias demonstram pouco comprometimento, sendo sempre as mesmas as quais acompanham seus filhos quer seja nas tarefas escolares, quer seja nos eventos promovidos por ela. De acordo com uma das colegas entrevistadas, falta aos pais impor limites aos filhos, o que dificulta o processo de aprendizagem, deixando de se ser este o foco principal da escola. O foco volta-se para a tentativa do resgate de valores e de disciplina.

Chamou a atenção, também, uma das respostas de uma colega entrevistada. Segundo ela uma das “desculpas” que os pais alegam para não se comprometerem com a educação dos filhos é o fato de atribuírem a não aprendizagem a fator hereditário. *“Ele é assim mesmo, não aprende porque puxou o irmão”*. Ou então: *“eu era assim também, não aprendi nada, não entrava nada na cabeça”*. Essa resposta mostra a conformidade dos pais com a situação e acomodação. Na verdade um pretexto para que possam se eximir de toda e qualquer responsabilidade. É visível que certos pais mandam os filhos para a escola por obrigação, para não perderem o benefício da bolsa família, não se indisporem com o Conselho Tutelar, ou coisa que o valha. No tocante a esta questão em que os

pais atribuem a não aprendizagem como uma “herança de família”, vale ressaltar o que diz Alicia Fernandez em seu livro “A inteligência aprisionada”. Segundo ela, na família, os hipnotizadores – pais foram e são por sua vez hipnotizados por seus pais, pela propaganda, etc. e que cumprem as ordens deles quando educam seus filhos para que eduquem seus filhos.

Desse modo, que inclui não se dar conta de que se está cumprindo instruções, já que uma das instruções é não pensar que alguém se ordenou agir assim. (FERNANDEZ, 1991).

Nos perguntamos sobre a existência de ‘famílias – problema de aprendizagem’, que possam diferenciar-se claramente de outras famílias com um membro com problemas de aprendizagem. Obviamente, a existência de mais de um membro com problemas de aprendizagem não é, por si só, um indicador de “família” problema de aprendizagem. (FERNANDEZ, 1991, p. 91).

Ainda segundo Fernandez todo ser humano acha-se transversalizado por uma rede particular de vínculos e significações em relação ao aprender, conforme seu grupo familiar. (FERNANDEZ, 1991).

Questionadas sobre a visão que os pais possuem da escola, as respostas foram como as anteriores, variadas. Sintetizando o que responderam, pode-se dizer que, de forma geral, os pais consideram a educação oferecida pela escola de boa qualidade, especialmente porque percebem a preocupação dos professores com seus filhos, considerando-a produtiva. A escola é para os pais um lugar onde podem deixar seus filhos em segurança e trabalharem ou cuidarem de outros afazeres tranquilos. Outros percebem a escola como um lugar para servi-los, e, portanto, apenas com deveres a cumprir, atribuindo toda a responsabilidade pela educação de seus filhos, incluindo a transmissão de valores éticos e morais. Para outros, segundo colega entrevistada, a escola é ainda aquele lugar onde a criança aprende de forma mecânica, sendo assim práticas pedagógicas mais dinâmicas e construtivistas não costumam ser vistas com bons olhos. Há ainda aqueles pais, conforme entrevistadas que a escola deve ter caráter corretivo e ao mesmo tempo incentivador. Já na visão de uma colega que iniciou este ano na escola, sua impressão é bastante positiva, considerando os pais participativos. Ela faz tal afirmação através da comparação estabelecida com a outra comunidade onde

atuava. Segundo ela, uma realidade ainda mais difícil que a nossa, onde a parceria escola e família era praticamente inexistente.

4.9 A Visão dos Professores Enquanto Pais

Das 12 colegas que retornaram o questionário, 8 são mães. Elaborei então algumas questões, a fim de perceber como reagem e agem a esta problemática, agora ocupando outro papel: o papel de mães. Destas colegas, 3 já possuem filhos adultos, todavia, pedi que mesmo assim respondessem. Solicitei que se reportassem ao tempo em que seus filhos estavam em idade escolar. Meu objetivo era encontrar nessas respostas repetições ou mudanças na instituição escola e família no decorrer das duas últimas décadas, décadas estas correspondentes ao período em que os filhos destas minhas colegas estudavam e que são, obviamente mais próximas da década em que estamos.

Início os apontamentos realizados pelas colegas entrevistadas pela questão onde pergunto em que tipo de instituição seus filhos estudam ou estudavam. Houve aqui um empate, ou seja, 4 colegas têm ou tiveram seus filhos estudando em escola pública e o mesmo número em escola privada.

Questionadas sobre que relação estabelecem ou estabeleceram com as escolas de seus filhos, como participam ou participavam, se a escola contribui ou contribuía para a participação dos pais e como procede ou procedia para que a parceria se concretize ou concretizasse, houve diferentes apontamentos, diferentes realidades e em algumas delas reprodução do que vemos no comportamento dos pais de nossos alunos, como respondeu uma das colegas entrevistadas. *“A escola pouco oportuniza a participação dos pais e como trabalho 40 horas, pouco vou a escola do meu filho, voltamos a condição dos pais de nossos alunos. Ajudo em casa, nas tarefas em que me solicita”*. Ou como respondeu outra colega em que disse sempre ter tido boa relação com a escola, mas que só ia quando podia.

Já as demais colegas mostram comprometimento com a educação de seus filhos. Demonstram esta preocupação participando de todos os eventos que a escola promove, de reuniões, tendo a iniciativa de comparecer à escola para conversar com o professor não só quando esta solicita, a fim de saber do desenvolvimento escolar

de seus filhos, estando à disposição dos professores quando este precise. Outra maneira de participar é enviar representante quando não é possível se fazer presente, além de acompanhá-los sistematicamente nas tarefas de casa. Cabe ressaltar o que uma das colegas enfatizou. Como sua filha está cursando o Ensino Médio em escola pública, a mesma não oportuniza momentos para encontros com os pais. Segundo ela isso talvez aconteça pelo fato de ser Ensino Médio, segmento em que a escola não valorize tanto a participação dos pais. Já o mesmo não aconteceu com o filho mais novo que estuda na rede privada. A escola sempre mantém os pais informados sobre qualquer evento ou reunião. Aspecto este reforçado por outra colega (hoje sua filha é adulta), em que, segundo ela, a escola (privada) sempre acolhia os pais da melhor maneira possível. Outra colega fez questão de ressaltar que seus filhos (adultos) sempre estudaram em escola pública e que hoje possuem curso superior.

Interrogadas sobre diferenças e semelhanças entre a realidade vivenciada profissionalmente com a realidade onde os filhos estudaram ou estudam 3 colegas não responderam. As demais pontuaram as diferenças relacionadas especialmente a infra-estrutura e atividades extraclasses promovidas como diferencial entre nossa realidade e a de seus filhos, bem como recurso financeiro das famílias, pois, ao solicitar algum material, a professora é atendida, o mesmo não acontecendo em nossa comunidade escolar. Também no que se refere ao empenho dos pais em auxiliar em atividades que necessitem pesquisa há uma diferença considerável. Igualmente o convívio social e outras possibilidades que as crianças têm acesso são um subsídio a mais para que a aprendizagem seja facilitada.

No quesito participação dos pais, duas colegas que fizeram referência a escola onde seus filhos estudam, os apontamentos foram opostos. Enquanto em uma das realidades a colega destacou a participação dos pais, qualificando-os como presentes e exigentes, a outra colega, apontou para a falta de comprometimento dos mesmos na educação dos seus filhos, demonstrada na participação nada efetiva dos mesmos nas atividades promovidas pela escola. Segundo ela o motivo alegado pelos mesmos é falta de tempo. Importante salientar que as escolas em questão são particulares, portanto, teoricamente as realidades sócio-econômicas são similares.

Quanto às semelhanças foram apontados o interesse ou falta dele por parte dos alunos. Independe da realidade sócio-econômica. O estímulo do filho a estudar

é o acompanhamento da família. Da mesma forma quanto aos recursos humanos, esse também independe da realidade, pois a grande maioria dos professores está sempre procurando complementar sua formação.

Finalizando, ao perguntar o que consideram determinante para o sucesso escolar de seus filhos, as respostas são enfáticas: a base familiar. Através do apoio, do incentivo e do exemplo. Foi ressaltado também o esforço próprio, ou seja, é necessário que o aluno também crie a consciência de que o estudo é primordial em sua vida. A família sem dúvida tem fundamental importância, pois, onde há respaldo familiar, a possibilidade de sucesso é muito maior, contudo parte deste sucesso está também nas mãos do estudante. Ter vontade de estudar, gostar da escola, dos professores e colegas também contribui para um bom desempenho escolar, conforme uma das entrevistadas.

Como pudemos perceber não há um consenso quando o assunto é aprendizagem e suas implicações. Contudo em qualquer que seja o questionamento sobre o assunto, a família se faz presente, sendo considerada fundamental para que o processo aprendizagem aconteça com sucesso.

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar, ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e ao bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, pois é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Gokhale (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Evidenciado, no nosso tipo de organização social, o papel crucial da família quanto a proteção, afetividade e educação, onde buscar fundamentação para a relação educação escola/família?

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como:

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55, artigos estes já citados anteriormente.

Política Nacional de Educação Especial (Lei nº 10.172/2007), que adota como umas de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno. E ainda, conscientizar e comprometer os segmentos sociais, a comunidade escolar, a família e o próprio portador de necessidades especiais, na defesa de seus direitos e deveres. Entre seus objetivos específicos, temos: envolvimento familiar e da comunidade no processo de desenvolvimento da personalidade do educando.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), artigos 1º, 2º, 6º e 12.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996, p. 01).

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p. 01).

Art. 6º. É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental. (BRASIL, 1996, p. 03).

Art. 12º. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I** - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II** - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III** - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV** - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V** - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI** - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII** - informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. (BRASIL, 1996, p. 06).

Plano Nacional de Educação (aprovado pela Lei nº 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na

melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

Enfim o sucesso escolar depende de uma série de ações dos pais e responsáveis, que devem trabalhar e lutar à favor da educação em todos os sentidos. E os pais podem e devem participar da vida escolar de seus filhos através de atitudes simples, mas que podem fazer toda a diferença: falar bem da escola, mesmo que haja problemas. O ideal é discutir com a instituição sobre sua insatisfação e não com o filho. A criança precisa de uma expectativa positiva em relação ao cotidiano escolar a fim de não se desestimular; abraçar o filho quando ele tiver indo para a escola, desejando-lhe coisas boas, que faça amigos; quando ele chegar da escola procurar saber como foi seu dia, o que aprendeu; procurar conhecer o professor e passar a ele informações importantes sobre a criança; se houver nota baixa, não esperar o professor chamar, os pais devem tomar a iniciativa de ir à escola; manter com o professor uma relação de respeito, consideração, solidariedade e acima de tudo cumplicidade. Os pais não precisam ser cultos. Os melhores exemplos de integração família/escola estão entre as comunidades mais participativas, ainda que menos favorecidas economicamente.

Conforme estudos realizados em alguns países como Estados Unidos, Inglaterra e Austrália mostra que as escolas onde os alunos são bem sucedidos, tanto em âmbito acadêmico como em atitudes positivas frente à aprendizagem são caracterizadas por boas relações entre família/escola.

De modo geral, no que se refere a relação família e educação Nérici (1972) afirma que:

A influência da família, no entanto, é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la. A educação para ser autêntica, tem de descer à individualização, à apreensão da essência humana de cada educando, em busca de suas fraquezas e temores, de suas fortalezas e aspirações. O processo educativo deve conduzir à responsabilidade, liberdade, crítica e participação. Educar, não é sinônimo de instruir, mas de formar, de ter consciência de seus próprios atos. De modo geral, instruir é dizer o que uma coisa é, e educar é dar o sentido moral e social do uso desta coisa. (NÉRICI, 1972, p.12).

Vida familiar e vida escolar passam por caminhos concomitantes. É quase impossível separar aluno/filho, por isto, quanto maior o fortalecimento da relação família/escola, tanto melhor será o desempenho escolar desses filhos/alunos. Neste

sentido, é importante que a família e a escola saibam aproveitar os benefícios desse estreitamento de relações, pois, isto irá resultar em princípios facilitadores da aprendizagem e formação social da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao ponto de partida, através da qual norteiei minha pesquisa, em que lanço o seguinte questionamento: a família interfere na aprendizagem? Penso que pude sanar algumas dúvidas.

Contudo, diante da complexidade do assunto, dos argumentos relatados, não se pode atribuir o sucesso escolar exclusivamente à família, porém, conforme a sua participação no contexto escolar de seus membros ela é capaz de facilitar ou não a aprendizagem.

Como foi relatado ao longo da pesquisa, a família vem há várias décadas passando por processo de transformação, em que seus membros, e em especial a mãe, assumem novos papéis. A dinâmica familiar se modificou a partir da evolução industrial, da urbanização e da modernização do país.

A educação, que antes cabia à família, foi deslegitimada, e a escola assumiu esta tarefa. Inicialmente lhe cabia preparar a criança para sua educação formal, não importando seu histórico de vida, seu histórico familiar. Diante, porém, de novas demandas assumidas pelas famílias e também com a reforma pedagógica, em que além do conteúdo formal, o convívio e o histórico familiar passaram a ser referência na construção da proposta pedagógica, coube à escola a tarefa de passar valores morais, éticos, o desenvolvimento da noção de responsabilidade e de comprometimento.

Cada vez mais são delegadas à escola novas atribuições. A família, por sua vez, foi se abstendo de sua função, transferindo o que era de sua competência para a instituição educacional. Em contrapartida, a escola fechou-se para as famílias, exigindo sua presença apenas quando tem reclamações a fazer, no que se refere à aprendizagem ou à disciplina. Criou-se então um conflito entre essas duas instituições. No meio deste desentendimento, está o aluno que sofre em seu desempenho escolar as consequências desta falta de comunicação.

A escola ao longo do tempo viu-se sobrecarregada, assumindo papéis que não lhe cabiam. Sendo assim, percebeu que é imprescindível educar os alunos através da parceria com a família. Porém diante de tanto tempo isolada, não está sabendo gerenciar esta aproximação e usa estratégias pouco interessantes e eficazes. A participação efetiva dos pais vai muito além das reuniões de entrega de

boletins ou das festas para angariar recursos para a escola. Está, outrossim, em conhecer a proposta pedagógica da instituição, em passar ao professor informações relevantes sobre a criança, para que possa contribuir para melhorar seu desenvolvimento. A participação efetiva das famílias está na tomada de decisão junto aos professores sobre como melhorar o ambiente escolar. Reivindicar junto à mantenedora uma infraestrutura de boa qualidade. Auxiliar os filhos nas suas dificuldades, valorizar suas produções, suas habilidades. Escola e família devem compartilhar de todas as ações educativas.

Devemos entender também que, ao nos referirmos ao conceito de família, não podemos nos basear mais no conceito de família nuclear tradicional, que pressupõe uma mãe em tempo integral. Há vários modelos familiares existentes atualmente. Mas não é o tipo de configuração familiar que determina ou influencia na educação dos filhos, mas sim a relação que estabelece com cada um de seus membros e os valores a eles passados.

Uma família pode ser formada no modelo tradicional e, no entanto, não permear a educação de suas crianças de valores morais e éticos, por exemplo. Ao passo que uma família constituída de uma união homossexual ou parental pode dar o suporte necessário para o bom desenvolvimento moral, afetivo e social da criança.

A família influencia no desempenho escolar sim, à medida que gerencia suas ações educativas para com seus filhos baseada nos princípios da boa convivência, do respeito, da noção de responsabilidade. A criança que se sente amparada, amada, respaldada, que recebe limites e orientação tem seu desempenho escolar facilitado. Além disso, no momento em que a família participa ativamente da vida escolar de seus filhos, esses tendem a ter sucesso ao longo do processo educacional.

É desta forma que a família influencia na aprendizagem dos educandos. É necessário que a família reconheça seu papel frente à educação de nossas crianças e jovens. A família perdeu este referencial, à medida que outras demandas foram sendo agregadas a esta instituição. Concomitantemente, a escola passou a gerenciar a educação das crianças e dos jovens. É como se a família admitisse que a partir daquele momento encontrasse uma substituta para sua função.

A instituição família não sabe agora como proceder, não reconhece mais sua função. Segundo os autores mencionados na pesquisa, ela não sabe como agir. Portanto cabe à escola, por ser a instituição que assumiu plenamente a educação de

crianças e jovens, fazer com que a família se reencontre neste processo, redescobrando suas tarefas. A família é o alicerce na construção do indivíduo, a base de sustentação sobre a qual a escola dará continuidade à sua obra. Em cima de uma base sólida, está a escola que, se fizer o seu papel também, ou seja, na construção de uma proposta pedagógica consistente e em sintonia com a comunidade a qual se destina, a possibilidade de sucesso do educando será muito grande.

A família vê a escola atualmente sob uma ótica paternalista, esperando, portanto que a mesma faça o que ela não é capaz, ou não quer gerenciar. É imprescindível que a escola assuma outra postura, abrindo efetivamente suas portas para que as famílias conheçam e compreendam sua dinâmica. Só assim as famílias poderão resgatar suas atribuições. A escola deve tomar a frente, ter a iniciativa de resgatar tal parceria. Conhecer a realidade das famílias que compõem o universo escolar, perceber suas peculiaridades, seus anseios, suas dificuldades é preponderante para construir esta parceria família/escola. Somente com este conhecimento é possível definir ações que vão de encontro as necessidades presentes na respectiva comunidade.

As famílias, em parceria com a escola e vice-versa, são peças fundamentais no desenvolvimento pleno da criança e, portanto, imprescindíveis para o bom desempenho escolar. O ideal é que família e escola se envolvam numa relação de cooperação recíproca, pois as influências dos dois meios são importantes para a formação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, set. 2009.

A QUALIDADE da educação sob o olhar dos professores. nov. 2008. Disponível em: <<http://www.oei.es/noticias/spip.php?article3773>> Acesso em: 04 set. 2010.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BHERING, E.; DE NEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidade e dificuldade de parceria. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 63-73, jan./abr., 2002.

BRANDÃO, Zaia. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, set. 2009.

BRASIL. Lei nº 10.172/2007. **Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação**. Secretaria de Educação Especial, Brasília: MEC, 1994 (livro 1).

BRASIL. Lei 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Educação. São Leopoldo: COMDEDICA, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 20 out. 2010.

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa-RS, [s.d].

CAETANO, Luciana Maria. Relação escola e família: uma proposta de parceria. Disponível em: <http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf> Acesso em: 04 set. 2010.

CAIADO, Elen Campos. A participação da família e da escola na educação da criança. Disponível em: <<http://www.cecb.edu.br/index.php/educacao-infantil/167-a-par>> Acesso em: 02 set. 2010.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Artigo relações entre família e Escola e suas implicações de gênero. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>> Acesso em: 04 set. 2010.

COUTRIM Rosa Maria da Exaltação. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 102-105, set., 2009. Entrevista concedida a Amanda Palato.

ESCOLA e família. Dez questões atuais sobre o relacionamento professores/pais/comunidade. Fundação Escola do Serviço Público. Jornal Extra. 2007. Disponível em: <http://www.fesp.rj.gov.br/fesp_2007/escolafamilia.pdf> Acesso em: 04 set. 2010.

ESTEVES, José M. **A terceira revolução educacional**: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **O mal estar docente**: a sala de aula e a saúde do professor Bauru: Edusc, 1999.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada abordagem psicopedagógica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GOKHALE, S. D. A família desaparecerá? **Revista Debates Sociais**, n. 30, a.16, Rio de Janeiro, 1980.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira**. A base de tudo. São Paulo: Cortez, 1988.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. A relação entre a família e a escola no contexto de progressão continuada. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/gt2>> acesso em 01/10/10
Acesso em: 01 out. 2010.

MENIN, M. S. de Stéfano. Desenvolvimento Moral: Refletindo com pais e professores. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.

NOGUEIRA, Maria Alice. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 102-105, set., 2009. Entrevista concedida a Amanda Palato.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PEQUENO, Andréia Cristina Alves. Educação e família: uma união fundamental? Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/TEXTO2.htm>, acesso> Acesso em: 04 set. 2010.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 102-105, set., 2009. Entrevista concedida a Amanda Palato.

PEREIRA, Paulo Adolfo. Desafios Contemporâneos para a sociedade e a família. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 48, a. 16, São Paulo: Cortez, 1995.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

POLÔNIA, Ana Costa. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 102-105, set., 2009. Entrevista concedida a Amanda Palato.

REIS Risolene Pereira. Como ensinar valores às crianças. **Mundo Jovem**, São Paulo, fev., 2002.

ROSAS, Rosane. Como ensinar valores às crianças. Bem estar: qualidade de vida, [s.l.], a. 3, n. 31, out. 2010. Entrevista concedida a Angels Marin.

SINGLY, François de; BELTRÃO, Pedro Caldeiran. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SILVEIRA Luíza Maria Braga. Sem culpar o outro. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 102-105, set., 2009. Entrevista concedida a Amanda Palato.

SOUZA, Flávia. Estrutura familiar e aprendizagem escolar. nov. 2008. Disponível em: <<http://peadportfolio164264.blogspot.com/search?updated-min=2008>> Acesso em: 04 set. 2010.

VIEIRA, Cristina Coronha Lima. **Melhores pais, melhores filhos, educar pelo exemplo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZÍLIO, Cátia. Normas para citações de documentos encontrados na Internet.
[mensagem pessoal] Mensagem recebida por <flavia.olavo@gmail.com> em 15 jul.
2010.

ANEXO A – RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA COM OS PAIS

Nº DE FAMÍLIAS A QUEM FORAM DESTINADOS OS QUESTIONÁRIOS: 24
Nº DE FAMÍLIAS QUE RETORNARAM A ENTREVISTA: 22

1) Quantos filhos você tem em nossa escola?

- a) um filho: 12 famílias
- b) dois filhos: 8 famílias
- c) três filhos: 1 família
- d) quatro filhos: -
- e) cinco filhos: 1 família

2) Você tem filhos que estão estudando do 5º ao 9º ano?

Sim: 11 famílias

Não: 11 famílias

3) Você tem algum filho no Ensino Médio (antigo 2º grau)?

Sim: 2 famílias

Não: 20 famílias

4) Você tem filhos com menos de 18 anos que não estejam estudando?

Sim: 6 famílias

Não: 16 famílias

5) Você tem filhos na Educação Infantil?

Sim: 7 famílias

Não: 15 famílias

6) Você costuma buscar o boletim do seu filho?

Sempre: 21 famílias

Às vezes: 1 família

Nunca: -

Fim de ano –

7) Você costuma participar das reuniões da escola?

Sempre: 8 famílias

Às vezes: 13 famílias

Nunca: 1 família

8) Você costuma colaborar com a escola?

Sempre: 4 famílias

Às vezes: 17 famílias

Nunca: 1 família

Como colabora? Nas festas, passeios, gincanas, na mensalidade, em rifas, quando a escola precisa, nos lanches coletivos, quando tenho condições.

9) Você determina um horário para seu filho fazer o tema?

Sim: 8 famílias

Não: 2 famílias

Às vezes: 5 famílias
Ele decide – 7

10) Que horário ele costuma fazer o tema?

- a) depois do almoço: -
- b) durante a tarde: 4 alunos
- c) no fim da tarde: 3 alunos
- d) à noite: 12 alunos
- e) não há um horário certo: 2 alunos
- f) não respondeu: 1

11) Onde ele normalmente faz o tema?

- a) no quarto: 5 alunos
- b) mesa da cozinha: 8 alunos
- c) mesa da sala: 1 aluno
- d) no sofá: 5 alunos
- e) não tem lugar certo: 3 alunos

12) Você olha o caderno do seu filho com frequência?

- a) sempre: 11 famílias
 - b) quase sempre: 7 famílias
 - c) às vezes: 3 famílias
 - d) nunca: -
- OBS: uma família não respondeu

13) Você ajuda seu filho nos temas quando ele encontra dificuldade?

- a) sempre: 12 famílias
 - b) quase sempre: 6 famílias
 - c) às vezes: 3 famílias
 - d) nunca: -
- OBS: uma família não respondeu

14) Você encontra dificuldades em ajudar seu filho no tema? Por quê?

Sim: 16 famílias

Motivos: ensino mais moderno do que no meu tempo, hoje o conteúdo é mais difícil, não lembro do conteúdo, estudei até a 2ª série apenas, não entendo certas coisas, por não ter estudado, muito tempo sem estudar, tenho dificuldade em matemática, tenho que me esforçar para entender.

Não: 5 famílias

OBS: uma família não explicou

15) Você conversa com seu filho sobre a importância de estudar?

- a) Sim: 20 famílias
- b) Não: -
- c) Às vezes: 2 famílias

O que você costuma conversar com ele sobre os estudos?

Que o estudo é muito importante, que deve estudar para ter um bom emprego, para ter um futuro melhor, para ser alguém na vida, para realizar seus sonhos, que conhecimento nunca é demais (ninguém pode tirar), através do estudo se torna uma pessoa esclarecida, sem estudo não se consegue nada, estudo é importante não apenas para passar de ano mas para o futuro, é preciso ter um objetivo na vida(

saber se expressar, se impor, conversar), pela concorrência no mercado de trabalho, para ser útil (ajudar alguém).

OBS: duas famílias não explicaram o que conversam

16) O que você imagina para seu filho no futuro? Se pudesse escolher uma profissão para ele ou ela, que profissão seria?

- a) direito: 2 famílias
- b) engenharia/ arquitetura/ desenhista: 2 famílias
- c) magistério: 4 famílias
- d) curso técnico: 1 família
- e) militar: 1 família
- f) medicina: 2 famílias
- g) vendas: 1 família
- h) bombeiro: 1 família
- i) cabeleireiro: 1 família
- j) outras respostas: “ele deve escolher o que lhe trazer felicidade”; “o futuro pertence a Deus”; “é cedo para pensar”.

OBS: três famílias não responderam

17) Até que série você estudou?

- | | | |
|----------------|----------------|---------------|
| a) 1ª série: - | e) 5ª série: 4 | i) 2º grau: - |
| b) 2ª série: 2 | f) 6ª série: 4 | j) 3º grau: 1 |
| c) 3ª série: - | g) 7ª série: 1 | |
| d) 4ª série: 7 | h) 8ª série: 2 | |

OBS: Uma família não respondeu

18) Por que parou?

- a) para trabalhar: 10
- b) sem condições: 4
- c) gravidez: 1 família
- d) muitas mudanças de residência: 1
- e) doença na família (mãe): 1
- f) não quis mais: 1 família
- g) para cuidar dos irmãos menores: 1
- h) vergonha por ser maior que os colegas: 1
- i) não respondeu: 1
- j) continua estudando: 1

19) Pensa na possibilidade de volta a estudar?

Sim: 10

Por quê? Ramo de trabalho exige, nunca é tarde para recomeçar, para ter um emprego melhor

Não: 10

Por quê? Sem tempo, sem paciência, sem cabeça para voltar, não tenho mais idade

Não responderam: 2 famílias

20) Seu filho conversa com você sobre o que aprende na escola?

Sim: 18

Não: 1

Às vezes: 3

21) Você está satisfeito com o que seu filho aprende ?

Sim: 16 famílias

Não: 1 família

Um pouco: 5 famílias

22) O que você acha que poderia melhorar?

a) A escola ensinar boas atitudes

b) Melhorar o ensino da matemática

c) A limpeza dos banheiros, recreio mais calmo, construir o ginásio, novas salas, drenar o pátio.

d) Ouvir mais os alunos

e) Diminuir a violência nas escolas

f) Tarefas com grau maior de dificuldade

g) A visão antiga da escola, ser mais dinâmica, interagir mais com os alunos

h) o professor ter mais tempo para ajudar os alunos com dificuldade

i) A escola sempre procura melhorar

23) Na sua opinião, para a criança ter sucesso na escola o que é :

Dever da família:

a) monitorar se o filho está indo para a escola ou não;

b) educar, orientar, conversar, impor limites;

c) ensinar a ter um objetivo, ser mais rígido;

d) ajudar a criança a conquistar seu próprio sucesso;

e) ter união em casa, dar carinho, compreensão, amor;

f) interagir com a escola, participar;

g) incentivar o filho a ir para a escola;

h) orientar a respeitar professores e colegas, tudo parte da família;

i) ajudar quando a criança tem dificuldade.

Dever da escola:

a) dar limites;

b) dar mais temas, mais tarefas;

c) observar a criança com dificuldade;

d) ensinar o que é necessário;

e) não deixar que os maus alunos interfiram na vida escolar dos bons alunos;

f) comunicar sobre o comportamento;

g) propiciar um ambiente saudável de estudos;

h) empenhar-se na aprendizagem dos alunos;

i) disciplina: ensinar o que é certo e errado;

j) ter paciência;

l) incentivar o aluno

ANEXO B – QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

Prezado (a) (colega)!

A fim de acrescentar a meu trabalho de conclusão de curso, peço a sua colaboração respondendo as seguintes questões:

1) Na sua opinião por que ocorre o afastamento dos pais da escola atualmente? _____

2) Você considera que a escola contribui para o afastamento dos pais? Se sua resposta for positiva, quais os motivos para isso acontecer? Como mudar esta realidade? Se sua resposta for negativa, explique por que

3) Os pais de nossa comunidade demonstram comprometimento com relação a aprendizagem dos seus filhos? Como você percebe isso?

4) Qual a relação que nossos pais estabelecem com nossa escola? Na sua opinião qual a visão que os mesmos tem da escola?

5) Na condição de mãe/pai qual sua relação com a escola de seu filho? Como você participa? A escola contribui para que haja a participação dos pais? O que ela oportuniza?

6) Seu filho (a) estuda em escola pública ou privada?

7) Se seu filho(a) estuda em escola privada que semelhanças e quais diferenças você percebe em relação a realidade com a qual trabalha, seja em relação aos alunos, as famílias e professores.

8) O que você considera determinante para o sucesso escolar do seu filho (a)?
